



Além da Democracia

Frank Karsten & Karel Beckman

Tradução de Fernando Manaças Ferreira
São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2013. (102 páginas)
ISBN 978-85-8119-030-3

A pretensão de Frank Karsten e Karel Beckman no livro *Além da Democracia* é destruir mitos, apresentar uma nova visão e explicar as diferenças entre a democracia e a liberdade. A apresentação da edição brasileira escrita por Fernando Fiori Chiocca já demonstra o tom polêmico que a obra traz com a seguinte afirmação: “já reparou como os políticos costumam glorificar a democracia em suas declarações? Este fato por si só seria suficiente para ficarmos com o pé atrás em relação a democracia” (p. 12).

O sistema democrático costumeiramente é apresentado como a solução para todas as questões. É comum ouvir que os problemas ocorrem no Brasil e no mundo em virtude da pouca democracia existente. Teóricos e políticos parecem só perceber a cura para esse mal prescrevendo *mais* democracia, muito embora em toda parte possamos ver um cenário político fragmentado, incapaz de oferecer ao povo alternativas reais e viáveis. Mesmo com resultados tão insatisfatórios, nas nossas sociedades ocidentais é tabu criticar a democracia, já que no vocabulário ocidental ela se tornou sinônimo de tudo o que é “correto, moral, justo e bom”. Em face de tal perspectiva equivocada e para corrigir essas distorções é que Karsten e Beckman escreveram *Além da Democracia*.

“Não é exagero afirmar que a democracia se tornou uma religião – uma religião moderna e secular. Você poderia chamá-la de a maior fé do mundo” (p. 21). Desde que o Estado Nacional começou a ser cultuado, nos idos do sé-

culo XIX, a democracia assumiu, diante do altar dos poderes constituídos, o papel de profissão de fé do povo (a outra instituição abstrata e coletiva que a democracia afirmou encarnar). Já que é a fé constituída, se faz necessário um ritual para que o “povo” se manifeste. Surgem as eleições democráticas. Nesses rituais “rezamos ao Estado por emprego, habitação, saúde, segurança, educação. Nós temos fé absoluta nesse Estado Democrático” (p. 21). Esta é a crença que permite o usufruto das graças do deus-pai-estatal, aquele que tudo provê. E assim como o Deus das religiões, o Estado:

executa as Suas obras de modo completamente altruísta. Tal como Deus, o Estado não tem interesse próprio. Ele é o guardião puro do interesse público. Ele também não custa nada. Ele livremente distribui peixe, pão e favores (p. 21).

Tal crença é tão forte e disseminada, que a maioria das pessoas esquece que esse sistema só foi introduzido nos países ocidentais há uns cento e cinquenta anos e “todos os países, exceto onze – Myanmar, Sâo Zilândia, o Vaticano e algumas nações árabes – afirmam ser democráticas, mesmo que apenas no nome” (p. 21).

Por encarnar e ratificar, como já dissemos, entidades coletivas como povo e Estado, os autores defendem que o sistema democrático-nacional da atualidade é sinônimo de coletivismo e uma forma de ditadura da maioria que conduz, inevitavelmente, à estagnação, à ineficiência e a todos os tipos de injustiças. Por isso, os autores afirmam

que *“a democracia é [...] o socialismo da porta dos fundos”* (p. 23).

Assim, é enganoso afirmar que a democracia, um processo político de tomada de decisão que funciona em determinadas circunstâncias específicas para pequenos grupos e associações, é sinônimo da atual democracia parlamentar dos atuais Estados modernos e constitui o *“clímax inevitável da evolução política da humanidade”* (p. 23). Como muito bem descrevem os próprios autores, o que conhecemos como democracia parlamentar:

[...] é injusta, leva à burocracia e à estagnação, compromete a independência, a liberdade e o empreendedorismo e, inevitavelmente, leva ao antagonismo, intromissão, letargia e gastos descontrolados. E não apenas porque certos políticos falham em seu trabalho – ou porque o partido errado é o responsável – mas porque é assim que funciona o sistema (p. 22).

Mesmo constatando todos esses problemas, a maioria das pessoas parece preferir acreditar no credo democrático-estatal, e tentam colocar os seus problemas na conta do Estado. Veem apenas o benefício que o governo distribui, mas não param para pensar nos custos. Com clareza, os autores demonstram os vários modos como o governo retira os recursos dos indivíduos, muitas vezes sem que percebam, como por exemplo, ao promover a expansão monetária. Ninguém parece parar para pensar que aquele mesmo dinheiro poderia estar fazendo algo melhor e mais eficiente para aquelas mesmas pessoas.

Deixar o Estado gerir a própria vida de seus cidadãos – de maneira cada vez mais invasiva – parece, afinal, ser uma contrapartida cômoda, uma vez que como *“povo”*, os cidadãos cumpriram os rituais democráticos nas urnas e *“decidiram”* como deveriam ser organizados. Desacreditados como indivíduos e massificados como coletividade, acomodaram-se em ouvir sua voz, majoritária, e acabaram por pensar que não existem outras alternativas.

No primeiro capítulo, portanto, os autores apresentam o conjunto de 13 (treze) mitos desse sistema, crenças que destróem uma a uma, ao evidenciar, basicamente, que a *“democracia não significa liberdade. Ela é uma forma de ditadura – a ditadura da maioria e do Estado. Também não é sinônimo de igualdade, justiça, solidariedade ou paz”* (p. 24).

Os mitos da democracia apresentados e refutados são os seguintes: 1) O valor de cada voto; 2) O governo do povo; 3) A infalibilidade da maioria; 4) A neutralidade política; 5) A prosperidade da democracia; 6) A democracia como garantia de distribuição justa de riqueza e ajuda aos pobres; 7) A democracia como condição de unidade e harmonia; 8) A democracia como geradora do sentido de comunidade; 9) Democracia como sinônimo de liberdade e tolerância; 10) A democracia como promotora da paz e meio de combate à corrupção; 11) A democracia como meio de obtenção dos desejos individuais; 12) A necessidade de sermos, todos, democratas; e 13) A inexistência de (melhor) alternativa.

Após refutar cada mito, os autores discorrem sobre a crise do referido processo de escolha política e afirmam que *“as democracias se tornaram estagnadas, opressoras e burocratizadas”* (p. 72).

A seguir, apresentam a lógica de Frédéric Bastiat (1801-1849) de que *“todos querem viver à custa do governo, mas, esquecem que o governo vive à custa de todos”*. Eis o momento em que os mentirosos entram em ação, prometendo tudo aquilo que não podem cumprir. Como destaca Thomas Sowell, *“o fato de muitos políticos de sucesso serem mentirosos, não é exclusivamente reflexo da classe política, é também reflexo do eleitorado. Quando as pessoas querem o impossível somente os mentirosos podem satisfazê-las”*. A cada eleição, fica cada vez mais claro que os políticos não realizarão as suas promessas e que qualquer esperança nesse tipo de compromisso é vã.

Conclusão: os políticos não respondem por seus atos e o *“povo”* nunca tem o resultado que espera. Como destacam Karsten e

Beckman, na verdade, os políticos farão as únicas coisas que podem: “1) *Desperdiçar dinheiro nos problemas*; 2) *Criar novas leis e regulações*; 3) *Criar comissões para supervisionar a implementação de leis*” (p. 72). A cada mito derrubado, fica claro que “isto não aconteceu porque o ideal democrático foi subvertido mas, ao contrário, por causa da natureza inerentemente coletivista do ideal” (p. 72)

Ainda no segundo capítulo, os autores apresentam um breve histórico e a crise da democracia. Apontam os pecados capitais desse credo e explicam porque precisamos cada vez menos de tal sistema. Enumeram as consequências desse modelo político desleal e como são sentidas todos os dias suas consequências nefastas: o aumento da burocracia, o parasitismo, a megalomania, o assistencialismo, o surgimento de comportamentos antissociais e o crime em todas as camadas sociais, a mediocridade e os padrões educacionais e culturais cada vez mais baixos, a generalização de uma cultura de descontentamento; e a disseminação de uma visão imediatista. Em teoria, pela regra democrática, as pessoas poderiam votar num sistema diferente. Entretanto, é improvável que isso aconteça, pois muitos também têm interesse em preservar o sistema. Como já explicou Ludwig von Mises (1881-1973):

O burocrata não é apenas empregado do governo. Ele é, sob uma constituição democrática, ao mesmo tempo, um eleitor e, como tal, uma parte do soberano, seu empregador. Ele está em uma posição peculiar: ele é o empregador e o empregado. E seu interesse pecuniário, como funcionário, está acima de seu interesse como empregador, já que ele recebe muito mais dos recursos públicos que contibui para eles. Esta dupla relação se torna mais importante, à medida que o número de pessoas na folha de pagamento do governo aumenta. O burocrata, como eleitor, está mais ansioso em obter um aumento do que manter o orçamento equilibrado. Sua principal preocupação é fazer inchar a folha de pagamento (p. 77).

A questão de se existe algo além da democracia começa a ser respondida. Karsten e Beckman que na introdução sustentaram que uma dessas alternativas à democracia poderia ser a “*chamada de liberdade. Ou liberalismo – no sentido clássico da palavra*”, começam a indicar que “*há outra maneira, mesmo que muitas pessoas possam achar difícil imaginar. O caminho é: Menos democracia. Menos Estado. Mais liberdade individual*” (p. 79). Assim, encerram esse breve livro crítico em tom otimista, pois apresentam um novo ideal político, “*maior do que muitas pessoas poderiam imaginar*” (p. 24). Karsten e Beckman sugerem que esse novo ideal do mundo ocidental deva ser “*um ideal que combine dinamismo e liberdade individual*” (p. 82), destacando que:

Esse ideal não é utópico. Ele pode ser alcançando. A primeira coisa que tem que ser feita é reduzir o papel do governo. As pessoas precisam recuperar o controle sobre suas vidas e os frutos do seu trabalho. [...] Elas devem ter liberdade para criar suas próprias comunidades locais – religiosas, comunistas, capitalistas, étnicas e assim por diante. Estas podem ser governadas ‘democraticamente’, se os moradores quiserem, ou não, se não o quiserem (p. 82-83).

Outra solução apresentada seria a da concorrência de governos. Karsten e Beckman destacam a dificuldade disso acontecer hoje, visto que:

As pessoas podem mudar para outra cidade mas porque a maioria dos impostos e leis vêm do governo federal, isso não muda nada. Para obter um tipo diferente de governo, as pessoas são forçadas a emigrar, o que é uma enorme barreira (p. 83).

O Estado Nacional é, na verdade, um grande monopólio, que não permite a entrada de outro *player* no “mercado”, prejudicando bastante quem está insatisfeito com o seu governo. A ideia, então, seria a concentração de decisões nas menores esferas possíveis de governo, para que as pessoas pos-

sam decidir o próprio caminho. Ilustrando esse ponto, os autores citam o exemplo da descentralização da Suíça. Assinalam, ainda, que o caminho da liberdade é feito diretamente pelo progresso tecnológico, e, por tais veredas, as perspectivas são brilhantes: “a tecnologia é a força verdadeiramente democratizante, mais do que o próprio sistema democrático” (p. 89). E, sem dúvida, esse será o caminho a ser seguido no futuro.

Além da Democracia é um livro fácil e ao mesmo tempo brilhante, pois demonstra em linguagem simples e direta que o “o governo não é um benevolente Papai Noel. É um monstro egoísta e intrometido, que nunca estará satisfeito e acabará por sufocar a independência dos seus súditos. E este monstro é sustentado pela democracia: a ideia de que a vida de cada ser humano pode ser controlada pela maioria” (p. 94). ∞

Rodrigo Saraiva Marinho

Presidente do Instituto Liberal do Nordeste (ILIN)

Professor de Processo Civil e Direito Empresarial da pós-graduação da Faculdade Ateneu (FATE)

Professor de Processo Civil e Direito Empresarial da graduação e pós-graduação da Faculdade Christus

Professor convidado da Fundação Escola Superior de Advocacia do Estado do Ceará (FESAC)

Graduado em Direito e mestrando em Direito Constitucional pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Especialista em Direito Processual Civil pela Universidade Estadual do Ceará (UECE)

rodrigossaraivamarinho@hotmail.com